

ARTHUR MILLER

A morte de um caixeiro-viajante e outras 4 peças

Tradução

José Rubens Siqueira

Prefácio

Otavio Frias Filho



Copyrights: All my sons © Arthur Miller, 1947. *The crucible* © Arthur Miller, 1952, 1953.
Death of a salesman © Arthur Miller, 1949. *A view from the bridge* © Arthur Miller, 1955, 1957.
The man who had all the luck © Arthur Miller and Inge Morath as Trustee, 1943, 1989.
Todos os direitos reservados.

Copyright do prefácio © 2009 by Otavio Frias Filho

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa

Jeff Fisher

Preparação

Caetano W. Galindo

Revisão

Valquíria Della Pozza

Huendel Viana

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção;
não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Miller, Arthur, 1915-2005.

A morte de um caixeiro-viajante e outras 4 peças /
Arthur Miller ; tradução José Rubens Siqueira ; prefácio
Otavio Frias Filho. — São Paulo : Companhia das Letras,
2009.

Títulos originais : All my sons — The crucible —
Death of a salesman — A view from the bridge —
The man who had all the luck.

ISBN 978-85-359-1578-5

1. Teatro norte-americano I. Frias Filho, Otavio.
II. Título.

09-11846

CDD-812

Índice para catálogo sistemático:

1. Teatro : Literatura norte-americana 812

[2009]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORAS SCHWARZ LTDAD.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Tel. (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Sumário

7 *A consciência crítica do sonho americano* — Otavio Frias Filho

13 O homem de sorte

95 Todos eram meus filhos

169 A morte de um caixeiro-viajante

269 As bruxas de Salém

387 Um panorama visto da ponte

O HOMEM DE SORTE

Uma fábula

PERSONAGENS

David Beeves
Shory
J.B. Feller
Andrew Falk
Patterson (Pat) Beeves
Amos Beeves
Hester Falk
Dan Dibble
Gustav Eberson
Augie Belfast
Tia Belle

ÉPOCA *Não muito tempo atrás.*

PRIMEIRO ATO

Cena 1 *Anoitecer no começo de abril. Dentro de um celeiro usado como oficina mecânica.*
Cena 2 *O celeiro, perto do amanhecer.*

SEGUNDO ATO

Cena 1 *Junho. Cerca de três anos depois. A sala da casa dos Falk, agora de David.*
Cena 2 *Mais tarde nesse dia. A sala.*

TERCEIRO ATO

Cena 1 *Fevereiro do ano seguinte. A sala.*
Cena 2 *Um mês depois. A sala ao anoitecer.*

Primeiro ato

CENA 1

Um celeiro em uma pequena cidade do meio oeste norte-americano. Está em ângulo inclinado. A parede de trás do celeiro avança para o fundo do palco e para a direita e as grandes portas de entrada ficam nessa parede. Ao longo da parede da esquerda, uma bancada de trabalho com ferramentas de automóvel espalhadas ao lado de algumas peças velhas, trapos e as tralhas todas de um mecânico. Uma prateleira acima da bancada onde há alicates, chaves de fenda, outras ferramentas. Na parede da esquerda, uma porta de tamanho normal que leva ao armazém de Ração e Cereais Shory, ao qual o celeiro está ligado. Uma rampa íngreme desce do batente dessa porta para o celeiro. Mais à esquerda, estendendo-se para a área fora do palco, junto à parede, há pilhas de sacos de cimento. Na frente deles, vários barris novos de fertilizante.

No fundo do palco, perto do centro, uma pequena estufa a lenha, agora acesa, brilhando vermelha. Sobre a bancada uma lâmpada pendurada. Há um grande macaco de mecânico no chão, vários barris de embalagem de pregos fazendo as vezes de bancos — dois junto à estufa. Um grande tambor de álcool apoiado em blocos, à direita, ao fundo. Perto dele, alguns galões espalhados. É um velho celeiro usado em parte como depósito, e principalmente como oficina mecânica de automóveis. As vigas do teto têm uma cor quente de carvalho, sem colunas. As cores de madeira dominam a cena, bem como o cinza dos sacos de cimento.

Antes de subir a cortina, duas buzinas de carro, uma delas do tipo antiquado ha-hu-ha de Ford velho, soam impacientes. Um instante disso e sobe o pano.

David Beeves está enchendo uma lata no barril de álcool. Tem vinte e dois anos. Pose empenhada de jovem empresário de cidade pequena, até esquecer disso, o que é quase todo o tempo. Aí, ele se torna o que é: brilhante, engracado, ingênuo e sempre interessado. Usa um blusão.

Entra J.B. Feller da direita. É um homem gordo, de seus cinquenta anos, vestido para o inverno. Uma certa delicadeza de sentimentos é visível em seu grande rosto. Tem um passo leve apesar do peso.

J.B. Você está mesmo fazendo um bom negócio com esse álcool, hein, David?

(aponta com o polegar para a direita) Estão congelando lá fora, melhor pisar na tábua.

DAVID Quase tudo quanto é carro da cidade parou aqui querendo álcool. Em abril! Que piada!

J.B. Está tão frio na minha loja que eu tive que fechar o balcão de roupa de criança. Acho que vou mandar botar uma porta giratória no inverno que vem.
(senta-se) Por que está com o cabelo todo penteado?

DAVID (apoiado num joelho, examina a torneira que escorre devagar) Vou até a casa da Hester daqui a pouquinho.

J.B. Dave! (animado) Vai sozinho?

DAVID A Hester deve estar chegando. A gente vai junto até a casa dela e... bom, acho que vamos contar para ele o que a gente resolveu. Se ele vai ser meu sogro, melhor eu começar a conversar um pouco com ele.

J.B. (ansioso) Só tem uma coisa, veja bem onde pisa com ele.

DAVID (fecha a torneira, levanta a lata e se põe em pé) Nem dá para acreditar que ele está em pé de guerra comigo. Você achou que ele ia fazer isso?

J.B. O velho Falk é muito esquisito, Dave.

Soa uma buzina à direita.

DAVID (vai para a direita com a lata) Já vai, já vai!

Sai pela porta dos fundos, Shory desce a rampa furioso. Está numa cadeira de rodas. Tem trinta e oito anos, mas é difícil dizer sua idade por causa da ausência de pelos em seu corpo. É totalmente careca, não tem barba, as sobrancelhas desapareceram. Seu rosto é capaz de grande riso e de uma terrível carranca. Um cobertor verde sobre as pernas. Para na frente da porta grande com o punho no ar. Quando fala, a buzina para de tocar.

SHORY Seus desgraçados, parem com essa buzina! Não dá para esperar um pouco?

J.B. Calma, você aí! São os clientes dele.

SHORY (vira-se) O que você está fazendo aqui? Mudou para cá agora?

J.B. Por quê? Alguma coisa contra? (vai até a estufa, bate os braços) Nossa, como ele consegue trabalhar neste lugar? Dá para guardar carne aqui dentro. (aquece as mãos no fogo)

SHORY Está com frio com toda essa gordura?

J.B. Não sei por que todo mundo acha que gente gorda está sempre quente. Tem nervos na gordura também, sabe.

SHORY Vamos para a loja. É mais quente. A gente joga uma partida de *pinochle*.
(*começa a subir a rampa para sua loja*)

J.B. David vai falar com o Falk.

SHORY (*para*) Dave não vai falar com o Falk.

J.B. Acabou de me contar.

SHORY (*vira-se de novo*) Escute. Desde o dia que ele entrou na minha loja e me pediu um emprego, ele está dizendo que vai falar da Hester com o Falk. Faz sete anos que está ensaiando e essa história não vai acabar hoje. O que está acontecendo com você? Fica grudado nele o tempo inteiro feito um cachorro. O que foi? Sua mulher te chutou de casa outra vez?

J.B. Não. Eu não bebo mais, não bebedeira de verdade... juro. (*senta-se num barril*) Fico pensando nesses dois moleques. Tão raro uma coisa dessas. Duas pessoas apaixonadas desde criança... Não é pra se jogar fora.

SHORY A sua mulher botou você para fora, não foi?

J.B. Não, mas... acabou de chegar o resultado definitivo: não podemos ter filhos.

SHORY (*com pena*) É mesmo, doutor?

J.B. É, nada de filho. Velho demais. Loja grande, boa, com trinta e um departamentos. Bela casa. Nada de filhos. Não é uma coisa? Você morre e apagam seu nome da caixa postal... e acabou-se. (*ligeira pausa. Muda de assunto com algum alívio*) Acho que estou para arrumar uma coisa muito boa para o Dave, Shory.

SHORY Está ficando caduco, sabia? Com complexo de Papai Noel.

J.B. Não, é que ele me lembra alguém. Eu mesmo, pra falar a verdade. Na idade dele eu estava numa bruta confusão. E ele? Ele está com a vida esticada, lisa na frente dele feito um espelho. Não sei, mas às vezes quando estou perto dele parece que estou assistindo a um daqueles filmes bons, sabe, quando a gente sabe que vai dar tudo certo... (*de repente entende*) Acho que é porque ele é tão jovem... e eu estou ficando tão velho.

SHORY O que é que você vai arranjar para ele?

J.B. Meu cunhado lá em Burley, sabe, o Dan Dibble, aquele que tem a criação de vison.

SHORY Ah, não traga ele para cá, não...

J.B. Escute, o carro dele quebrou e ele está atrás de um mecânico. Está maluco atrás de um mecânico!

SHORY Esse capiau não solta a grana nem que estivesse enfiada no... dele.

Ruído de motor dando partida lá fora, perto. Entra David pela porta dos fundos, enfiando uma chave-inglesa no bolso. Quando ele entra, ouvem-se dois carros se afastando. Ele vai até a lata de gasolina e limpa as mãos.

DAVID Nossa, tem gente que não sabe nem apertar uma correia de ventoinha.

Que horas são, John?

SHORY Por que, onde você vai? Você não vai à casa do Falk...

Da loja, entra Tia Belle. Traz uma camisa embrulhada em uma sacola. É uma mulher que nunca foi jovem: magra, parece um pássaro, fungando constantemente. De sua mão, brota um lenço.

BELLE Pensei que você estivesse na loja. Hester disse para não demorar.

DAVID (vai até ela) Ah, obrigado, Belle. (desembrulha a camisa) É a nova, não é?

BELLE (horrorizada) Você queria a nova?

DAVID (olha a camisa) Ah, Belle. Quando é que você vai lembrar das coisas! Hester te falou para me trazer a camisa nova!

BELLE Bom, eu... eu trouxe a galocha. (levanta as galochas de dentro da sacola).

DAVID Eu não uso mais galocha, quero a minha camisa nova! Belle, você às vezes... (Belle cai em prantos) Tudo bem, tudo bem, deixe pra lá.

BELLE Eu faço o que posso, não sou sua mãe...

DAVID (leva-a para a direita) Desculpe, tia Belle, pode ir... e obrigado.

BELLE (ainda fungando) Seu pai levou seu irmão Amos para correr na rua...

DAVID É, bom... obrigado...

BELLE (assoa o nariz no lenço) Ele faz o Amos calçar galocha, por que ele não pensa um pouco em você?

DAVID (dá-lhe tapinhas na mão) Eu volto mais tarde.

SHORY Sabe por que você nunca lembra de nada, Belle? Você assoa demais o nariz.

O nariz tem ligação com o cérebro e você está assoando seu cérebro.

DAVID Ah, pare com isso, tá? (soluçando mais uma vez, Belle corre para fora) Ela ainda

me trata igual quando a mamãe morreu. Como se eu tivesse sete anos de idade. (*David pega a camisa limpa*)

SHORY (*alarmado*) Escute, aquele sujeito vai te matar. (*agarra a camisa e senta em cima dela*)

DAVID (*com uma risada envergonhada, mas decidida, tenta pegar de volta a camisa*) Me dê isso aí. Eu resolvi falar com ele e vou!

Entram Pat e Amos da direita. Pat é um homem pequeno, nervoso, cerca de quarenta e cinco anos, Amos tem vinte e quatro, fala e anda arrastado.

PAT (*ao entrar*) O que você está fazendo?

David olha para ele. Todos se voltam para David quando os dois chegam ao centro. Amos apertando uma bola de borracha.

PAT (*aponta David e o fogão*) Não sabe que não pode ficar tão perto do fogo? Calor é uma desgraça para as artérias.

AMOS (*animado*) Você vai, Dave?

SHORY (*para Pat*) Estava dando tudo certo. Não quer ir para casa?

PAT Eu sou o pai dele, faça o favor.

SHORY Então fale o que ele tem que fazer, pai.

PAT Vou falar. (*vira-se para David como quem dá uma ordem*) O que você resolveu?

DAVID Nós vamos falar para o senhor Andrew Falk que a gente vai casar.

PAT Ahn-han. Muito bem.

SHORY Muito bem! (*aponta para Pat, fala para J.B.*) Está ouvindo isso...?

J.B. (*ele sente por Pat a mesma coisa que Shory, porém com mais compaixão*) Mas alguém tem que ir com ele.

PAT (*duro, para David*) É isso mesmo, alguém tem que ir junto...

AMOS (*para David*) Deixe eu ir. Se ele provocar, eu...

DAVID (*para todos*) Agora olhem aqui, pelo amor de Deus, vocês...

PAT (*para David*) Eu te proíbo de tomar Seu nome em vão. Abotoe o colarinho, Amos. (*indica Amos, para J.B.*) Ele acabou de correr três quilômetros. (*abotoa o colarinho de Amos, aponta a bola de Amos*) Que tal meu novo método?

AMOS (*levanta a bola*) Apertar bola de borracha.

J.B. Que é isso, para os dedos, é?

David examina o braço de Amos.

PAT Dedos! É para o antebraço todo. Arremessador pode ter de tudo, mas sem antebraço? Zero!

SHORY (*para Pat, indicando Dave*) O senhor vai resolver isso aí ou ele vai ter que ser morto naquela casa lá?

PAT O quê? Qual casa? (*lembra*) Ah, claro, Dave...

SHORY (*para J.B.*) Ah, claro, Dave! (*para Pat*) O senhor é pai dele, pelo amor de...!

DAVID Tudo bem. Já chega de conselhos. Hester vem direto para cá e a gente vai até a casa dela conversar e se...

SHORY Ele está com o miolo mole, como você vai conversar com ele? Ele não gosta de você, não quer você, disse que te dá um tiro se aparecer na casa dele. Agora você vai pensar nisso tudo e resolver como faz ou vai deixar para pensar no hospital? (*Pausa*)

DAVID O que é que eu faço então? Deixo ele mandar a Hester para aquela escola normal? Pode ser que a gente nunca mais se veja. Eu sei como são essas coisas.

SHORY Você não sabe como são essas coisas. Dois anos eu fiquei esperando um menino aparecer pedindo o emprego que eu anunciei na vitrine. Podia ter reclamado por causa disso. Eu era um veterano, as pessoas iam ter que explicar para os meninos por que eu estava assim. Mas aprendi uma coisa no estrangeiro. Não procure confusão nunca. E aí você apareceu. Espere, Davey.

PAT Eu concordo com ele, David.

DAVID Estou esperando para casar com a Hester desde que a gente era bebê. (*senta num barril*) Meu Deus! Como a gente faz para saber quando esperar e quando pegar as coisas na mão e fazer acontecer?

SHORY Ninguém faz nada acontecer, a gente é como água-viva na maré, David.

DAVID O que você acha, John?

J.B. Eu não ia gostar de ver você brigando com aquele velho Falk, mas pessoalmente, Dave, não acredito em esperar muito. A pessoa tem que acreditar, eu acho, e meter as caras e...

PAT (*inclina-se para a frente, aponta*) Acreditar, David, é uma grande coisa. Veja eu, por exemplo. Quando eu voltei do mar...

DAVID Que horas são, John... desculpe, pai.

J.B. Vinte para as oito.